

APRESENTAÇÃO

Contrariando as expectativas dos mais incrédulos, a *Revista Falas Breves* chega a sua 6ª edição disposta a continuar sendo um espaço para que múltiplas vozes se façam ouvir. E tem um porquê para tanta disposição.

Como é sabido, os mecanismos internos e externos que regem o árduo trabalho do docente, pesquisador e estudante de pós-graduação nas instituições de ensino superior apontam sempre para um só ponto: a excelência. E isso é ótimo. Contudo, para obter essa excelência exige-se, principalmente do docente, uma série de afazeres que culmina no acúmulo de trabalhos – ensino, tarefas administrativas, pesquisa, extensão e a produção científica, no que tange à publicação, em particular.

E em relação à produção, o caminho é árduo, nem sempre o querido. O fato é que da construção à publicação, o/a autor/a trava uma luta consigo mesmo/a para encontrar em meio a tantas tarefas tempo para escrever. Além disso, trava outra batalha buscando uma revista para a qual possa enviar seu artigo.

Revistas têm muitas. Mas talvez não o suficiente para a demanda. Da mesma forma artigo tem, mas talvez nem sempre “interessante” o suficiente para aquilo que a revista quer para si, pois, por outro lado, as revistas têm que buscar também por aquela excelência citada anteriormente. E, conseqüentemente, os professores (de novo?), responsáveis pela revista devem trabalhar em prol dessa excelência. Em suma, então, estamos todos reféns dessa excelência.

Neste contexto, já ciente disso, a *Falas* chegava a sua 6ª edição quando se deparou com a singeleza das suas memórias, Carla Geórgia. E não passamos alheios às mesmas. Achamos excelente juntá-las as outras falas para oportunizar a outros deficientes auditivos *ouvi-la*. Acreditamos que o eco da sua voz não apenas fará sentido na vida de muitos deles, assim como poderá servir de guia para muitos que estão ou entrarão na vida acadêmica – que é, definitivamente, um mundo mágico, de mudanças na vida do indivíduo, de (trans)formação. Nesse sentido, o texto da autora Carla Geórgia poderá contribuir sobremaneira, pois vem para, através de memórias, nos chamar a atenção sobre nossas ações em sala de aula e sobre a forma como tratamos nossas crianças “diferentes”.

Nesse mundo mágico, que é o da academia, para se juntar à voz de Carla, a *Falas* traz Bruna Correa e Fernanda Sylvestre que lançam falas acerca do sobrenatural, do fantástico e tecem críticas sociais, a partir da literatura. E é sobre isso, o insólito e preconceito sociocultural, os temas abordados no artigo delas.

Mas as falas presentes na *Falas Breves* são múltiplas e, sendo assim, passam, através da mão da autora Amanda Resque, por Belém do Pará do século XIX para nos apresentar autores franceses que circularam na coluna “Folhetim” no periódico *O Liberal do Pará* entre 1869 e 1889. E chega, no século atual, em Moçambique, com Gisele Krama, trazendo alguns aspectos que compõem o fazer literário de Mia Couto. E vai além, de *Jessica Jones* à problemática da leitura no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, mas não somente, no que diz respeito aos artigos científicos.

No que tange aos textos literários, a contribuição de Matheus Queiroz advém através d’as cartas e das memórias saudosas que o eu lírico tem das mesmas. E também das contribuições de Jefferson Cidreira com sua poesia lírica “Que a chuva me encontre” na qual lemos a vontade de um eu lírico sedento de que a mesma a leve. Além deste poema, Cidreira traz “A poesia dos malditos” com forte crítica social.

E eis, em todo este contexto, o porquê da nossa disposição em manter a *Falas* como um espaço para múltiplas falas: porque ter esse espaço é necessário – são tantas e distintas chuvas de memórias querendo um espaço para se deixar chover. E também porque fazê-las disseminar a partir daqui, de Breves, Arquipélago do Marajó, para nós, é mais do que excelente: é antes de tudo uma vitória!

Obrigada aos/às leitores/as e autores/as. Até a próxima, pois ela virá!

Breves, março de 2019.

Sandra Maria Job – Editora